

# *Lenguaviaje* com Augusto de Campos

*Lenguaviaje* with Augusto de Campos

Viviana Gelado  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e88090>

## Resumo

O texto analisa três antologias recentes da poesia e dos ensaios de Augusto de Campos em espanhol; as primeiras a apresentar diversos momentos e aspectos de um projeto sustentado pela sua coerência poética e política ao longo de sete décadas. As antologias se destacam tanto pela qualidade visual e do trabalho de tradução, quanto pelo aparato crítico que situa a poesia de Augusto de Campos e a poesia concreta brasileira na sua singularidade no contexto da produção poética ibero-americana.

Palavras-chave: Augusto de Campos; *Lenguaviaje*; poesia.

## Abstract

The text analyzes three recent anthologies of the poetry and the essays of Augusto de Campos in spanish. They are the first ones to present different moments and aspects of a project based on poetic and politic consistency throughout seven decades. These anthologies stand out for the visual accuracy, the quality of translations, and also for the critical devices that place the poetry of Augusto de Campos, and the brazilian concrete poetry, as singular in the context of the ibero-american poetic production.

Keywords: Augusto de Campos; *Lenguaviaje*; poetry.

Em 2015, Augusto de Campos recebeu o Prêmio iberoamericano de poesia Pablo Neruda, outorgado pelo Conselho Nacional da Cultura e das Artes do Chile, transformando-se assim no primeiro poeta brasileiro reconhecido com esta distinção. À outorga do prêmio, seguiu-se a publicação, em 2017, pela Biblioteca Nacional do Chile, da primeira edição desta *Lenguaviaje: antología*, de distribuição gratuita e exclusiva para bibliotecas públicas no âmbito nacional.

A edição chilena foi ampliada, em 2019 e 2020, por mais duas edições em espanhol, que resultaram da soma dos esforços de poetas-acadêmicos-editores, atuantes em instituições privadas (a Universidade de los Andes, na Colômbia, e a editora Libros de la resistencia, na Espanha), e dos auspícios de instituições públicas: o Instituto Camões de Portugal e a Fundação Biblioteca Nacional do Brasil, respectivamente. Cooperações estas que redundaram em livros-objeto de extraordinária qualidade visual e preço acessível para o leitor comum.

Em todas elas, o valor e a riqueza de “uma poesia que se atreve a experimentar, que é diversa [...] e que é capaz de cruzar linguagens e disciplinas”<sup>1</sup>, bem como a solidez de “um não de pedra” com que Augusto de Campos vem sustentando, ao longo de sete décadas, a coerência de um projeto poético e político, singular e coletivo, se veem acompanhadas pelo conhecimento profundo da obra de invenção e reflexão do poeta mostrado por Gonzalo Aguilar (UBA), responsável pela seleção, prólogo e notas das três edições desta *Lenguaviaje: antología*. Deste modo, pode-se dizer que a publicação delas resulta de empreendimentos concertados, a ambos lados do

---

1 “Consejo de la Cultura y Biblioteca Nacional presentan antología del poeta brasileño Augusto de Campos”. Santiago do Chile, 7/dez./2017. Disponível em <https://www.cultura.gob.cl/actualidad/consejo-de-la-cultura-y-biblioteca-nacional-presentan-antologia-del-poeta-brasilenog-augusto-de-campos/>

Atlântico, por equipes que, em diversos contextos e proporções, atualizam aquilo que, na opinião de Aguilar, define o homenageado, isto é, seu caráter de poeta-*scholar*.

As antologias, compostas por uma seleção de poemas e ensaios escritos entre 1949 e 2015/2019, tomam seu título de um dos *poemóviles*, “Linguaviagem” (linguaviagem / vialinguagem), cubopoema criado por Augusto de Campos e Julio Plaza em 1967; utilizado, mais tarde, como título de um livro de traduções de poemas de Mallarmé, Valéry, Keats, Yeats e outros, publicado em 1987. Nesta linha, *Lenguaviaje: antología* desdobra a viagem na(s) língua(s) não apenas pela prática da tradução orientada por critérios acadêmicos, mas também por incorporar à edição intraduições de poemas de Anna Akhmatova, Bernart de Ventadorn, José Asunción Silva ou Luis de Góngora, bem como versões para o espanhol, feitas por Augusto de Campos, de boa parte dos poemas visuais incluídos na antologia.

A edição chilena está composta por uma seleção de poemas dentre aqueles que integraram a coletânea *Viva vaia* (1949-1979) —*O rei menos o reino* (1951); *Os sentidos sentidos* (1951-1952); *Poetamenos* (1953); *Ovonovelo* (1954-1960); *Greve, Cidade, Luxo, Brazilian Football* (1961-1964); *Popcretos* (1964-1966); *Profilogramas, intraduições, stelegramas e outros* (1966-1974)—; alguns *Poemóviles* (em colaboração com Julio Plaza, 1968-1974); e poemas publicados em *Despoesia* (1994), *Não* (2003) e *Outro* (2015), todos acompanhados de notas do editor. Agrega, ainda, ensaios, discursos e manifestos escritos por Augusto de Campos entre 1955 e 2015. E presenteia o leitor com uma seção “De puño y letra”, com fac-símiles de poemas datilografados ou manuscritos, incluídos em *Poetamenos*.

As edições colombiana e espanhola incluem, além das notas aos poemas e à própria edição, uma cronologia (que contextualiza a vida e obra do poeta com a da produção do grupo Concreto, bem como com aquela das vanguardas internacionais) e uma bibliografia da obra de Augusto de

Campos, publicada em diversas línguas (inglês, francês, húngaro e espanhol); práticas introduzidas no campo editorial da literatura latino-americana pela Biblioteca Ayacucho.

Aos textos incluídos na edição colombiana, a espanhola acrescenta “Todos os sons” (1979), “Omesmosom” (1989/1992), “Cordeiro” e “Bio” (1993), incluídos inicialmente em *Despoesia* (1994); “Tvgrama 4 Erratum” (2009), publicado em *Outro* (2015); os *contrapoemas* “Manter afastado”, “Extraduchamp (Respiro)” e “Poesia é o que”, inéditos de 2019; e o “Discurso Premio Iberoamericano de Poesía Pablo Neruda” (presente já na edição chilena), na seção “Ensayos”.

Além das versões de Augusto de Campos e das traduções feitas em parceria entre o poeta e o editor<sup>2</sup>, as traduções dos poemas e ensaios são de autoria de Gonzalo Aguilar e/ou de tradutores com os quais ele vem trabalhando em diversos projetos há mais de uma década, ao longo da qual publicou outras antologias e estudos dedicados à obra de Augusto de

---

2 As versões de Augusto de Campos incluem todos os poemas de *O rei menos o reino* (exceto “Donde angustia royendo un no de piedra”, feita em parceria com GA); “*Los sentidos sentidos*”; “*Tensión*”; “*Huelga*”; “*El pulsar*”; “*Memos*”; “*Tvgrama 1* (Tombeau de Mallarmé)”; “*Tvgrama 2* (Antennae of the race)”; “*El mismosonido*”; *Não*; todos os poemas de *Outro* (exceto “*Tvgrama 4 Erratum*”) e os inéditos “*Mantener alejado*”, “*Extraduchamp (Respiro)*” e “*Poesía es lo que*”. Por sua vez, as traduções de “*Todos los sonidos*” e “*Inestante*” foram feitas em colaboração com GA.

Campos e à poesia concreta brasileira.<sup>3</sup>

Na introdução, “Augusto de Campos, poeta: una ética de la invención”, Aguilar destaca a perspectiva construtiva e experimental do projeto criador, o trabalho “preciso” com a palavra, a adoção mallarmaica da página como unidade do poema e a abertura constante para a dimensão existencial. Contextualiza, ainda, as sucessivas leituras que a poesia de Campos, resultante da experimentação concreta, exige do leitor, a saber, a linear-discursiva, a combinatória, a molecular, a temática, a visual, a sintético-ideogramática, exemplificadas por ele com a leitura do poema “Tensión”. O leitor, entretanto, também terá a chance/*change* de experimentar a leitura em espiral do poema “sos”, bem como aquela que irradia ou se dissemina do “Poema bomba”.

Assim, à leitura que toda antologia em tradução tenciona, esta dá ao leitor em espanhol a oportunidade de experimentar essas leituras sucessivas em poemas como “klangfarbenmelodie (melodíadetimbres)” de *Poetamenos* (1953); “Huelga” (1961), alguns “profilogramas”, o stelegrama “El pulsar” (1975), “sos” (1983), o anti-soneto “Axel’s site” (2000) ou o contrapoema “Poesía es lo que” (2019). Ao tempo que o convida a “revər”

---

3 Cabe citar, neste sentido, Poemas, primeira antologia bilíngue exaustiva de Augusto de Campos em espanhol, organizada por GA e publicada pelo Instituto de Literatura Hispano-americana da Universidade de Buenos Aires, em 1994, e suas edições ampliadas, publicadas em Buenos Aires pela editora Gog y Magog, em 2012 e 2014. Já em relação à poesia concreta, Aguilar publicou a antologia Galaxia concreta (que incluía textos de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari), pela editora wda Universidade Iberoamericana, no México, em 1999, em coleção dirigida pelo poeta argentino Hugo Gola; coletânea precedida pela publicação, em colaboração com Ricardo Ibarlucía, de um dossiê dedicado à poesia concreta no Diario de poesía de Buenos Aires (a. 10, n. 42) em 1997. Por sua vez, a tese de doutorado de Aguilar na UBA, orientada por Noé Jitrik e dedicada ao estudo da poesia concreta brasileira, foi publicada em espanhol e português: *Poesía concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista* (Rosario: Beatriz Viterbo, 2003; São Paulo: EdUSP, 2005). Os outros tradutores que participam em *Lenguaviaje: antología* são Gerardo Jorge (*Poetamenos*, em colaboração com Aguilar, e “Cage: Chance: Change”); Valeria Joubert (“*Vanguardia: muerte y vida*”); Laura Posternak e Maurício Colares (“Re-www--visión: gil-engendra en gil-ruiseñor”). Além dos citados, GA traduziu “Cordeiro” e “Tvgrama 4 Erratum”, e propôs traduções aos poemas nas notas.

experimentalmente as “intraduções” “Amorse (José Asunción Silva)” (1985) e “Salamandra do Sol (Góngora)” (2011). E, reduplicando a aposta, as intraduçãoes “Ala de Akhmatova” e “Dodeschoenberg”.

Como exercício para “los contemporáneos que no saben leer”, do “Profilogramallarmé: Los Contemporáneos”, propõe também a leitura da tensão cromática em três camadas, resultante da alternância do fundo preto grifado em vermelho (GREVE) e branco (escravo/escreve) em português, para o fundo vermelho, grafitado em preto (HUELGA) e branco (esclavo X escribe, disposto em quiasmo) em espanhol. Da palavra-coisa ao espaço-tempo, a tradução do “Profilograma: João/Agrestes” desloca também, alternando, “hueso” e “fractura”.

Por outro lado, a proximidade entre as línguas que não desafia as construções “Inestante”, “Ad marginem” nem o “Tvgrama 1 (Tombeau de Mallarmé)” (todas tensionando, de modo diverso, os eixos horizontal e vertical nos limites da página), demanda comutações semânticas e fonéticas em uma construção mais complexa como “días, días, días”, ao passo que postula uma dificuldade aparentemente intransponível em uma construção linear-combinatória-molecular como “cidade/city/cité”. Já no poema “Vazia”, em que o sintático e o visual condicionam reciprocamente “a forma”, a opção pela supressão do nome (e do pronome átono “la”) resultam em um tratamento indiciário do tema. Assim, “ali jaz / iaform / avazia / eningu / emavia [...]” dá em espanhol “yacía / vacía / nadie / veíaq / uisie [...]”, silenciando nome e pronome que topicalizariam o título do poema.

Procedimentos opostos a este orientam as soluções dadas à intradução “Ala de Akhmatova” e ao contrapoema “Extraduchamp (Respiro)”. Embora o primeiro assumia tipograficamente a forma do manuscrito e o outro, a resultante do uso de meios mecânicos, a disposição de ambos na página, bem como as potencialidades da leitura, especialmente (mas não só), no eixo vertical levam o poeta a adotar uma solução estranha à língua em uso.

Assim, no primeiro caso, a abertura do texto em Yo “desnaturaliza” a língua do poema em relação à norma, que recomenda a subsunção do pronome na pessoa gramatical do verbo, e assume uma posição política, crítica, da normativa literária. O uso deste procedimento se torna ainda mais explícito em “Extraduchamp (Respiro)”, já que se trata da citação, em discurso direto de caráter coloquial, da resposta dada por Duchamp em 1962 ao artista italiano Gianfranco Baruchello: “¿ / quees / loque/ haces / ahora / ?yore / ..... / spiro.”

Assim, a antologia vai do “Aspir, expir, inspir, suspir [...]” de *Os sentidos sentidos* (1952) ao “Yo respiro” de “Extraduchamp...” (2019).

Poesia que respira contra as políticas da morte. Prosa “porosa” que vai da invenção à crítica e à teoria, da experimentação em “Axel’s site” ou “Sem saída” à reflexão sobre a geometria e o “poema-palavra” na releitura de “Novas dimensões da poesia”, no ensaio “PosWald”.

Ao longo desse processo, a incorporação dos elementos que os meios técnicos vão tornando disponíveis para radicalizar a experimentação verbivocovisual em poemas como “Walfischesnachtgesang (Canção noturnadabaleia)”, no qual o uso do computador permite a super(ex)posição do MMM de Moby, do mar e da cauda da baleia, em uma tensão entre a caligrafia, sem serifa<sup>4</sup> e em minúscula, em branco sobre fundo negro, que promove o encontro de Malevich e Rodchenko. E, mais tarde, com Cid Campos, a execução da performance na qual a despoesia se encontra com a música e o cinema, tornando inespecíficas as fronteiras entre as linguagens via linguagem.<sup>5</sup>

Leitor atento a estas combinatórias, nas notas aos poemas o editor dá referências contidas neles, um paideuma construtivo, heterogêneo, do qual fazem parte desde um anônimo galego a Duchamp, passando por Joyce,

---

4 Anotado por GA na introdução.

5 *Idem* e PERLOFF, Marjorie. “ ‘Porta sempre aberta, Para o dia de uma nova era’: a ‘macintoxicação’ de Augusto de Campos”, 2021.



Patrícia Galvão, Camões, Pound, e. e. cummings, Apollinaire, Mallarmé, Dante, Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Sartre, Villiers de l'Isle-Adam etc. Apresenta os poemas-código ou poemas-sem-palavra e as intraduzções (traduções intersemióticas nas quais interferem critérios visuais alheios ao original, com o fim de acentuar valores icônicos do texto). Vincula poesia, ensaio, performance. Destaca o isomorfismo nas versões feitas por Augusto de Campos dos seus poemas para o espanhol; a experimentação do poeta sobre a anotação feita por Valéry em relação a “Un coup de dés”, de Mallarmé, como “poema-estrela” (notadamente, em “El pulsar” e sua versão em vídeo)<sup>6</sup>. Sublinha a coerência de uma poesia da recusa por parte de Augusto de Campos (o *poetamenos* que faz despoemas, ou uma expoesia; *O rei menos o reino*); a vinculação de poesia e política (em “Cubagrama”, “Huelga”, “Brazilian football”, “Luxo”) e de invenção e política (nos ensaios, discursos e manifestos). O poeta do campo experimental, da tensão fondo-forma, o da forma (não informe mas) “Vazia” em *Outro* ou o da “tirada” no ensaio “Duchamp: la tirada dadá”; o concreto que experimenta com a tensão das palavras-coisas no espaço-tempo.

¡Bienvenido, Augusto de Campos, ao paideuma da poesia em espanhol! A dos poemas ideogramáticos de Tablada, a do experimentalismo de Huidobro e Girondo, a antipoesia de Parra, a dos barrocos Góngora e Quevedo (e Sarduy, Neruda, García Lorca, Borges...). ¡Bienvenido ao planalto de El Guesa e aos Andes de Eielson e Zurita!

## Referências

CAMPOS, Augusto de. *Lenguaviaje: antología*. Sel., pról. e notas de Gonzalo Aguilar. Santiago do Chile: Biblioteca Nacional, 2017.

---

6 Aguilar realizou um vídeo para a exposição “Augusto de Campos / Despoemas” (Buenos Aires, 2014), inspirado no videoclipe de Paulo Barreto de 1984, com música de Caetano Veloso. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Hlgkz-g-ukc>

CAMPOS, Augusto de. *Lenguaviaje: antología*. Sel., pról. e notas de Gonzalo Aguilar. Bogotá: Uniandes, 2019. (Col. Labirinto) Publicação auspiciada pela Cátedra de Estudos Portugueses “Fernando Pessoa”, criada mediante protocolo de cooperação entre o Inst. Camões e a Universidade de los Andes, com apoio da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas de Portugal.

CAMPOS, Augusto de. *Lenguaviaje: antología*. Trad. e edição Gonzalo Aguilar. Madri: Libros de la resistencia, 2020. Com apoio do MRE do Brasil em cooperação com a FBN. “Dossier poesía concreta”, a cargo de Gonzalo Aguilar e Ricardo Ibarlucía. *Diario de Poesía*. Buenos Aires, a. 10, n. 42, jul. de 1997, p.13-25.

PERLOFF, Marjorie. “ ‘Porta sempre aberta, Para o dia de uma nova era’: a ‘macintoxicação’ de Augusto de Campos”. Trad. Marina Bedran. *Revista Rosa*, v. 3, n. 1, 2021. Disponível em <https://revistarosa.com/3/porta-sempre-aberta>

Submissão: 16/03/2022

Aceite: 18/06/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e88090>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*